

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

KÁTIA DE SOUZA TEIXEIRA

**“PORQUE AS PESSOAS TRANSFORMARAM O MEU
OLHAR MAIS DO QUE A PSICOLOGIA”: o imaginário
coletivo de estudantes de psicologia sobre as
pessoas em situação de rua**

PATOS DE MINAS
2017

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

KÁTIA DE SOUZA TEIXEIRA

**“PORQUE AS PESSOAS TRANSFORMARAM O MEU
OLHAR MAIS DO QUE A PSICOLOGIA”:** o imaginário
coletivo de estudantes de psicologia sobre as
pessoas em situação de rua

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Ma. Aline Fernandes Alves

PATOS DE MINAS
2017

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

KÁTIA DE SOUZA TEIXEIRA

**“PORQUE AS PESSOAS TRANSFORMARAM O MEU
OLHAR MAIS DO QUE A PSICOLOGIA”: o imaginário
coletivo de estudantes de psicologia sobre as
pessoas em situação de rua**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 16 de
novembro de 2017

Orientadora: Prof^a. Ma. Aline Fernandes Alves
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Prof^a Ma. Cátia de Castro Dias
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho aos estudiosos da área, aos alunos da Faculdade Patos de Minas participantes da pesquisa e especialmente as pessoas em situação de rua por serem os personagens principais, merecedores de todo respeito e carinho com o qual esse trabalho foi realizado.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus pela honra de ser uma das suas criações e poder desfrutar da vida que é a nossa maior dádiva.

Agradeço a minha mãe por me motivar, apoiar e se doar para o meu crescimento, por me permitir experimentar o amor na sua forma mais pura e acreditar nesse sentimento sublime como principal motivação para a superação de obstáculos.

Sou grata as pessoas em situação de rua, pela forma sutil com a qual transformaram as minhas visões tanto como estudante quanto como pessoa. Ter tido a oportunidade de estagiar e posteriormente desenvolver uma pesquisa sobre vocês suscitou os mais diversos sentimentos e emoções ainda não experimentadas até então.

Agradeço aos mestres que no decorrer da minha caminhada deixaram muito do seu conhecimento e se permitiram levar um pouco que eu tinha a oferecer. Muitos de vocês são inspirações.

Agradeço a minha professora, supervisora e orientadora Aline Fernandes Alves pela paciência, empenho, confiança e carinho demonstrados no desenvolvimento da minha pesquisa. Sou extremamente grata pelos ensinamentos e especialmente por me instigar a me arriscar, afinal como você costuma dizer: “A medida do risco é a medida da potência”. Você para mim é exemplo!

Agradeço ao coordenador do curso Junior Antoniassi pelo amor com o qual exerce a sua função, tratando os seus alunos como verdadeiros filhos.

Sou grata a professora de metodologia Luciana pela paciência e empenho nas correções e modificações no trabalho. Me fez ter convicção nos últimos meses que para ter um trabalho bem feito é preciso trabalhar com o que gosta, você domina isso como ninguém.

Sou grata aos funcionários da Faculdade Patos de Minas de um modo geral especialmente aos funcionários da secretaria DGPSI, Lúcia Helena, Vânia, Rosângela e Fabiano, espero que tenham dimensão da importância do trabalho de vocês, além do auxílio as questões acadêmicas em muitos momentos foram o meu apoio seja no olhar, gesto ou carinho. Vocês são especiais!

Agradeço aos meus colegas mais próximos por me ouvir, auxiliar e apoiar levarei vocês comigo para além da graduação.

“E poder assistir ao entardecer, e saber que vai ver o sol raiar
E ter amor, e dar amor e receber amor até não poder mais. E
sem querer vem o poder, poder viver feliz para se morrer em
paz”

Vinicius de Moraes

“PORQUE AS PESSOAS TRANSFORMARAM O MEU OLHAR MAIS DO QUE A PSICOLOGIA”: o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre as pessoas em situação de rua

"WHY PEOPLE TRANSFORMED MY LOOK MORE THAN PSYCHOLOGY" the collective imaginary of psychology students about street people

Kátia de Souza Teixeira¹

Graduanda do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Aline Fernandes Alves²

Mestra pelo Eixo da Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Este projeto tem como objetivo compreender o imaginário coletivo de estudantes de graduação em psicologia da Faculdade Patos de Minas (FPM) acerca das pessoas em situação de rua. A construção dos dados foi realizada a partir de um grupo psicanalítico de discussão. Houve divulgação da pesquisa para todos os alunos do curso de psicologia da referida faculdade, alertando-os que seriam selecionados para participar apenas os oito primeiros inscritos. Os dados produzidos nos encontros foram registrados através de gravação em áudio e anotações realizadas. Optou-se pela metodologia qualitativa e pela análise do discurso. A partir da análise dos dados construídos durante a pesquisa, evidencia-se três eixos de análises nomeados da seguinte forma: Invisíveis sociais, Ensino e prática e (Des) assistência social. Esses eixos surgiram após os resultados da análise que evidenciaram a forma como as pessoas em situação de rua são vistas pela sociedade de um modo geral, a deficiência na grade curricular dos estudantes do curso de psicologia que não abrange essa área social e a assistência a população em situação de rua que deixa a desejar em diversas situações no que tange essa temática.

Palavras-chave: Imaginário coletivo. Pessoas em situação de rua. Psicologia.

¹ Orientanda. Graduanda em Psicologia DPGPSI/FPM.

² Professora Orientadora. Docente do DPGPSI/FPM

ABSTRACT

This project aims to understand the collective imaginary of undergraduate students in psychology at the Faculdade Patos de Minas (FPM) about street people. The data collection was carried out from a psychoanalytic group of discussion. There was dissemination of the research for all students of the psychology course of said college, alerting that they would be selected to participate only the first eight enrolled. The data produced in the meetings were recorded through audio recording and notes made. Qualitative methodology and discourse analysis were chosen. Based on the analysis of the data constructed during the research, three axes of analysis are shown as follows: Social invisible, Teaching and practice and (Des) social assistance. These axes arose after the results of the analysis that showed how people in a street situation are seen by society in general, the deficiency in the curriculum of the students of the psychology course that does not cover this social area and the assistance to the population in a street situation that leaves something to be desired in this context thematic.

Keywords: Collective imaginary. Street people. Psychology.

INTRODUÇÃO

Anteriormente a década de 1980 observa-se grande omissão governamental com relação a população em situação de rua, para a qual não haviam ofertas de cuidados nem tampouco perspectivas de melhoria de vida. Esse cenário só se modificou após a promulgação da Constituição Federal em 1988 quando foi reconhecida às pessoas em situação de rua a condição de cidadão e então passaram a ser uma preocupação das políticas públicas o que permitiu que diversos serviços de assistência a essa clientela fossem instituídos como o Consultório de Rua e o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP). (CRP, 2015).

Dentre as conquistas alcançadas após a promulgação da Constituição Federal vale destacar a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR) reconhecida no ano de 2009, que busca o atendimento dessa população a partir da interação de diversos setores das políticas públicas, o centro POP é a unidade de referência da Proteção Social Especial de Média Complexidade que tem como foco principal efetivar os objetivos da política nacional para proteção a população de rua, a saber, garantir os direitos e construir vínculos na intenção de

que essa população exerça a sua cidadania. As ações desenvolvidas por esse serviço visam reconhecer esse sujeito, bem como suas queixas, para que então sejam prestados cuidados básicos, como banho e alimentação, mas também apoio psicológico, social e até mesmo jurídico além dos encaminhamentos para programas do governo que são direitos de todos os cidadãos brasileiros. (CRP, 2015).

Outro dispositivo socioassistencial de muita importância é o serviço especializado em abordagem social. Este serviço geralmente é coordenado pelo órgão gestor de assistência social nas unidades do CREAS ou Centro POP, o mesmo é destinado a todas as pessoas que utilizam o espaço público como moradia e estão em situação de risco em decorrência desta vivência, essas situações podem estar relacionadas ao abuso de crack e outras drogas, exploração sexual, trabalho infantil dentre outras, assim sendo a abordagem social tem como objetivos principais a saída das ruas e a condição de acesso as redes de apoio almejando a diminuição da exposição dessas pessoas a tais vulnerabilidades. (Brasil, 2011).

Apesar dos avanços científicos, legislativos e assistenciais brevemente supramencionados, ainda se observa que as pessoas em situação de rua são, muitas vezes, desconsideradas ou mal vistas pelos olhares de estranhamento e preconceito de muitos. A criação de dispositivos assistenciais se mostra de suma importância, porém, é sabido que não são apenas questões concretas, como a 'falta de um teto' que leva uma pessoa a encontrar na rua modos de produção de vida e existência. Segundo Varanda e Adorno (2004) as pessoas em situação de rua tomam uma posição de abandono, onde não existem vínculos e dignidade, significando assim que o espaço que lhes resta para viver de alguma forma são as ruas.

Os mais diversos serviços utilizados neste contexto nos trazem a proposta de saída das ruas que é construída aos poucos com os usuários de serviço, buscando assim levar a eles a independência e consciência dos seus direitos e deveres, fazendo com que consigam se reconhecer como cidadãos e livres, principalmente no desejo de sair das ruas ou continuar nelas. São possíveis as realizações de trabalhos mesmo com os que optarem em continuar nas ruas já que, podem existir múltiplos fatores que leve o indivíduo a permanecer lá desde laços estabelecidos até a dificuldade que veem em reestruturar as suas vidas e são

fatores que devem ser considerados e respeitados especialmente pelos profissionais que lidam diretamente com tal questão. (Mattos & Ferreira, 2004).

Alinhado ao que está sendo posto é possível salientar que para além de propostas que objetivem a retirada do sujeito das ruas é preciso construir estratégias que atuem considerando os territórios existenciais destes sujeitos, promovendo intervenções produtoras de sentidos para tais territórios. Acerca do conceito de territórios existenciais Macerata, Soares e Ramos (2014) afirmam:

Os sujeitos e populações com as quais intervimos são produzidos em um contexto, uma paisagem subjetiva que é composta de diversos fatores que podemos identificar e nomear objetivamente – condições sociais, econômicas, sanitárias, culturais – mas também, colada e misturada a eles, há sempre essa dimensão processual. Assim, os territórios existenciais são movimentos, expressividades que não pertencem a seus agentes, a quem protagoniza o ato de expressar. Pelo contrário, a expressividade que marca e forma esses territórios se constitui em relações, em dinâmicas de movimento sem sujeito. Não é o sujeito morador de rua que define seu ambiente de vida, por exemplo, mas é exatamente dessa expressividade que emergem os personagens e a cena, a partir dos seus movimentos, suas relações. (p.922).

Assim sendo, considerando todo o cenário aqui apresentado produzido pela atual organização da nossa sociedade, bem como processos subjetivos e relacionais, é possível afirmar que a vivência de rua se apresenta como uma escolha, contingencial e atravessada por uma complexidade de processos. Aqueles que se encontram nessa condição enfrentam dificuldades concretas que a baixa renda provoca, como necessidades básicas de sobrevivência não satisfeitas, mas para além disso, há falta de garantia de direitos humanos básicos, além da condição de cidadania, sempre posta em questão, até a condição de humanidade é questionada, sendo então excluídos das relações de trocas sociais, sejam elas de trabalho, desafeto ou de linguagem.

Compreende-se que o modo de vida e subjetivação proporcionado pela vivência de rua expõe essa população aos mais diversos tipos de ataques feitos até mesmo sem a percepção do autor, desde palavras até a forma de olhar sendo reconhecidas com estranhamento, como ‘estranhos’ ou, segundo Macerata (2010) “[...] um estrangeiro dentro da própria cidade. ” O modo de vida da população em situação de rua seria aquele que mais diverge daquilo que é imposto socialmente, daquilo que se estipula enquanto padrão de normalidade baseado em conceitos de limpeza e moradia, trazendo à tona uma ideia higienista associa a pessoa em situação de rua como sendo literalmente, uma sujeira da sociedade.

Há também os fortes estigmas relacionados a essas pessoas que vão além do nojo ou estranhamento e se propagam para o medo reconhecendo-os como indivíduos necessariamente violentos, assaltantes e criminosos ou simplesmente incômodos mendicantes, loucos, diagnosticando erroneamente como doença mental a forma como o sujeito está inserido na sociedade. Segundo Oliveira e Werba (2002) citado por Mattos e Ferreira (2004), “As representações sociais sobre as pessoas em situação de rua reforçam a construção de identidades articuladas com valores negativamente afirmados.” (p. 48), associado a isso, evidencia-se o processo de culpabilização desses sujeitos, colocando como uma escolha reducionista, uma questão de tamanha complexidade.

Assim, os conteúdos simbólicos emergentes nas relações sociais construídas pelo indivíduo com seus interlocutores tornam-se referências que passam a ser apropriadas intrapsiquicamente. Isto não quer dizer que o indivíduo aceite de bom grado tais tipificações, mas que as têm como conteúdos subjetivos em torno dos quais dá sentido às vivências e constrói a identidade pessoal, isso segundo Mattos, Castanho e Ferreira (2003) citado por Mattos e Ferreira (2004).

Considerando a complexidade do tema em questão, evidencia-se a necessidade de estudos e intervenções na ordem do inter e transdisciplinar. A psicologia, enquanto ciência e profissão, tem muito a contribuir para com a temática. Em todos os serviços assistenciais implementados há a presença do profissional de psicologia, que apresenta grande potencialidade técnica e teórica para desenvolver intervenções produtivas no sentido de aproximação, vinculação e assistência às pessoas em situação de rua. Todavia, a existência do preconceito e do estigma com relação as pessoas em situação de rua são muito presentes no imaginário da maior parte das pessoas, o que se compreende como fatores que dificultam o acesso a essa população e sem dúvidas atravessam, de forma a dificultar, as políticas públicas de assistência aos mesmos. Sendo este imaginário uma produção social, não se acredita que psicólogos estejam isentos, desta forma se faz necessário o estudo, sensibilização e constante capacitação de tais profissionais (Souza & Fortini, 2009).

A assistência a pessoas em situação de rua se configura como uma área de atuação para os profissionais da psicologia bastante desafiadora devido à diversos fatores, entre eles podemos destacar as inúmeras vulnerabilidades sobrepostas que este público está exposto e a complexidade da situação de

atendimento que na maior parte das vezes precisa acontecer, ao menos em um primeiro momento, na rua. Porém dentre todas as dificuldades ressaltamos que os estudantes e profissionais de psicologia também sofrem influências dessa lógica social segregacionista, preconceituosa, culturalmente construída em torno da população em situação de rua. Cada indivíduo é singular e se apresenta de tal forma para o mundo, sendo assim a prática do psicólogo deve ser feita de acordo com cada caso fazendo-se necessário uma escuta diferenciada o que já é inerente a profissão do psicólogo, este tipo de escuta deve ser atravessada no respeito, no desejo de conhecimento do sujeito e na garantia dos direitos humanos para além de aparências e impressões que possam existir, independente da situação em que o paciente esteja é preciso considerar a história de vida, suas relações e suas condições subjetivas no processo interventivo.

É possível afirmar que o imaginário coletivo estabelece relação com as condutas expressas na atuação no mundo exterior, porém é importante destacar que esta não é uma relação de causalidade. Tal conceito se refere a um “[...] conjunto de crenças, emoções e imagens que um determinado grupo produz acerca de um fenômeno.” (Montezi, Zia, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2011, p. 300). Nesse âmbito, podemos levar em consideração que o imaginário coletivo pode se expressar tanto no âmbito da intersubjetividade quanto constituir a dimensão afetivo-emocional inconsciente das condutas.

Apoiados no conceito de imaginário coletivo e na influência que o mesmo pode desempenhar no posicionamento dos estudantes de psicologia, acreditamos que mudanças em práticas de cuidados e assistência a população em situação de rua não dependem apenas de capacitações em nível de informações, mas sim, de espaços de escuta que propicie encontros com estes imaginários e possibilite rupturas.

O trabalho teve como objetivo alcançar uma compreensão do imaginário coletivo de estudantes de psicologia acerca da população em situação de rua e temas relacionados as possibilidades que estes futuros profissionais terão na assistência a tal clientela. Adotou-se a noção de imaginário coletivo enquanto conduta que emerge em âmbito coletivo, se expressa na área mental e diz respeito ao conjunto de crenças, emoções e imagens que determinado grupo constrói em relação a um fenômeno. (Vaisberg & Ambrósio, 2006).

O desenvolvimento da pesquisa suscitou a partir do interesse pela temática já observada e sentido a partir de experiências acadêmicas, pessoais e profissionais das pesquisadoras junto a esta população, bem como com as teorias e práticas psicológicas voltadas a área social. Todavia a temática do estudo também se mostra relevante diante da ainda escassa produção bibliográfica e interventiva da psicologia neste campo.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

Os critérios de inclusão para a pesquisa: foram ser estudante de graduação em psicologia da Faculdade Patos de Minas (FPM). Os estudantes interessados foram alertados que seriam incluídos apenas os oito primeiros inscritos. Foi destacado que se algum inscrito selecionado fosse identificado critérios de exclusão, seria chamado o inscrito subsequente e que este procedimento se repetiria até que se completassem oito participantes para o estudo. O único critério de exclusão foi que, após serem prestados esclarecimentos acerca da metodologia da pesquisa, o inscrito não desejasse participar, ressaltando que o desejo foi registrado a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Sendo assim, todos os estudantes de psicologia da Faculdade Patos de Minas foram convidados a participar da pesquisa, a princípio pensou-se em compor um grupo de 8 estudantes, para tanto, a pesquisa foi divulgada a partir de cartazes e oralmente nas salas de aula. Entretanto não houveram inscritos fazendo se necessário novo recrutamento, neste momento a amostra foi selecionada a partir do método aleatório por conveniência, de forma que foram convidados 18 estudantes, que foram abordados pessoalmente e foram explicitados os procedimentos e objetivos da pesquisa. Dos convidados para a pesquisa 6 confirmaram presença e 5 compareceram no encontro na data e horário previamente agendados.

A seguinte tabela caracteriza, em linhas gerais, os participantes do estudo:

Tabela1- Caracterização dos Participantes

			Período do
--	--	--	-------------------

Profissional	Sexo	Idade	curso
Participante 1	Feminino	25	5º
Participante 2	Feminino	53	9º
Participante 3	Masculino	22	9º
Participante 4	Feminino	49	5º
Participante 5	Feminino	26	7º

CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

É importante destacar que durante todo o processo da foram tomados cuidados no que tange à ética na pesquisa com seres humanos, assim sendo os participantes foram resguardados, respeitando e preservando-os de possíveis prejuízos decorrentes da mesma. O projeto foi submetido e devidamente autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Anexo A) e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B).

O grupo foi realizado no espaço físico da faculdade em horário previamente acordado. Utilizamos como recurso de mediação o Desenho-Estória com Tema, técnica psicológica fundamentada na psicanálise que abrange tanto processos expressivo-motores e aperceptivo-dinâmicos quanto comunicação verbal (Aiello-Vaisberg, 1999). Vale salientar que nesse trabalho analisamos apenas as narrativas do grupo a partir da análise do discurso, os desenhos produzidos pelos participantes da pesquisa serão analisados posteriormente em outro trabalho.

No presente estudo, a construção dos dados se deu em dois momentos o primeiro deles houve a aplicação da técnica supramencionada, que constituiu em solicitar a cada participante que desenhasse uma cena que envolvesse a temática de pessoas em situação de rua criando em seguida um título e uma pequena história sobre o desenho. Vale salientar que na utilização da técnica de Desenho-Estória com Tema, objetivou-se tanto constituir dados para o estudo quanto estimular a livre circulação da palavra, o que conseqüentemente gerou o segundo momento que se refere a uma roda de conversa, mediada pela facilitadora do grupo, uma das

autoras, objetivando sempre a exposição dos pensamentos e do imaginário dos participantes.

Os dados construídos no encontro foram registrados através de gravação em áudio transcritos posteriormente e anotações também foram realizadas no momento do grupo, pela outra autora do presente artigo. Desta forma, foi possível acessar e cartografar alguns aspectos do imaginário coletivo de alunos de psicologia sobre pessoas em situação de rua, que subsidiaram reflexões sobre diversos temas como as políticas públicas existentes voltadas para este público, os conceitos formados acerca dessa população, a forma que a temática é abordada nos cursos de psicologia, entre tantas outras possíveis.

A abordagem escolhida para a realização da presente pesquisa foi a qualitativa, por compreender que a mesma apresenta maiores possibilidades de alcançar os objetivos almejados. Tal abordagem não tem como propósito estudar um fenômeno em si, mas sim entender seus significados. A prioridade desta metodologia de pesquisa é trabalhar com concepções, valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões visando a “[...] aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente.” (Minayo & Sanches 1993 p. 247).

O conjunto de dados construídos foi analisado a partir da análise do discurso que consiste em compreender um texto a partir de suas construções ideológicas. Neste intento, o material transcrito foi alvo de leituras extenuantes e concomitante a isso, foram realizadas discussões entre as autoras, buscando acessar inclusive sensações, inquietações que poderiam ser sinalizadores de pontos a serem analisados.

Por fim, é preciso ressaltar que todo o material foi analisado em sua totalidade, não sendo objetivo segmentar as falas ou impressões postas por cada participante, todavia, diante do denso material de análises que foi possível construir, no presente artigo a análise se voltou para o movimento grupal e para as falas dos participantes, enquanto narrativa de diferentes perspectivas do fenômeno alvo do estudo. Sendo que os desenhos e histórias também produzidos no encontro, serão melhor analisados em trabalhos posteriores.

DISCUSSÃO

A partir de todo o processo, supra descrito, de análise dos dados construídos durante a pesquisa, escolhemos três eixos de análises nomeados da seguinte forma: (1). Invisíveis sociais; (2) Ensino e prática e (3) (Des) assistência social. Cada um dos eixos enunciados será desenvolvido nessa sessão.

1 Invisíveis sociais:

Apesar das estatísticas constatarem que é crescente o número das pessoas que se encontram em situação de rua, a população de um modo geral negligencia ou até mesmo nega esse fenômeno social. É fato que apesar de crescente, as produções científicas e espaços de debates sobre a temática ainda são insuficientes frente a necessidade de sensibilização e construção de novas perspectivas sobre as pessoas em situação de rua. Acreditamos que o não debate provoca mais desinteresse e conseqüentemente leva a perpetuação de preconceitos e visões estigmatizadas sobre a questão. Conjectura-se desta forma, um ciclo vicioso que acaba por ressoar em afastamento e desassistência, consolidando assim práticas segregacionistas e não inclusivas.

Sobre essas posições cristalizadas Matos e Ferreira (2004) ressalta:

Alguns as veem como perigosas, apressam o passo. Outros logo as consideram vagabundas e que ali estão por não quererem trabalhar, olhando-as com hostilidade. Muitos atravessam a rua com receio de serem abordados por pedido de esmola, ou mesmo por pré-conceberem que são pessoas sujas e malcheirosas. Há também aqueles que delas sentem pena e olham-nas com comoção ou piedade. (p.47)

Na presente pesquisa observa-se o que está sendo problematizado antes mesmo da execução do grupo em si, a dificuldade enfrentada no recrutamento dos participantes, demonstra desinteresse na temática, lembrando que em primeira chamada não obtivemos nenhum estudante inscrito. Aparentemente, o tema das pessoas em situação de rua não se apresentou, para tais estudantes, como relevante o suficiente para se implicar no grupo proposto, este fato vai ao encontro do que a bibliografia, ou ainda escassez da mesma, aponta que há um movimento no sentido de manter a invisibilidade desses sujeitos, inclusive no campo da construção de narrativas sobre eles e suas vivências.

Durante o encontro, também foi citado por um dos participantes que o contato com as pessoas em situação de rua remete a questões de cunho emocional,

aparentemente necessidade de distanciamento e evitação de identificações, conforme podemos observar no seguinte trecho:

Facilitadora: você disse de ver que existem pessoas que estão na rua e provocam um medo né? Desse desamparo, então a imagem dessas pessoas provoca alguma coisa na gente.

Participante 2: Isso, provoca sim mexia muito comigo.

Facilitadora: Medo/ O que mais? Que provoca.

Participante 2: Desamparo

(...)

Facilitadora: Que sentimentos a imagem dessas pessoas acabam provocando gente?

Participante 5: Você vê uma pessoa dessa né? Você vê andando na rua, bebendo alguma coisa, você fica imaginando mil coisas, dá medo as vezes,

Participante 1: Da desconfiança né? Como ele foi parar nessa situação o que ele fez?

A partir das falas citadas acima é possível perceber que os participantes afirmam haver uma associação de sentimentos de medo e insegurança relacionado as pessoas em situação de rua, o que parece dificultar possíveis aproximações dessas essas pessoas, observamos a presença dos mecanismos de defesa do ego a partir da fuga e negação, há um sistema que se conecta e é articulado para que o distanciamento seja mantido, podemos esboçar o seguinte desenho: a identificação com forma tão estrangeira e excluída de vida seria insuportável a maior parte das pessoas, é preciso então manter o distanciamento para que o eixo identificatório possível seja negado, a saber, a condição de humanidade. Assim sendo, a condição de humanidade das pessoas que estão em situação de rua precisa ser negada, para que então as pessoas se sintam protegidas dos sentimentos de insegurança e medo que tal identificação poderia invadi-las.

A seguinte fala da Participante 2 evidencia, de forma clara, o processo acima descrito anteriormente:

Me apavorava quando eu era criança, ver aquele povo que pedia, geralmente eles eram montados em um cavalo, eles tinham mal cheiro e me apavorava eles não terem uma casa e eu tinha muito medo da separação, de meus pais morrerem e eu ficar sem casa e ter que viver aquela vida, na cabecinha de criança se meus pais morressem eu ia ter que viver dessa maneira sem uma casa (...) (Participante 2)

Associado ao movimento de evitação de tais sentimentos há estudos que comprovam que muitos, além dessas associações, de uma maneira inconsciente,

parece ter sido construído e compartilhado socialmente uma falta de sensibilidade para com as pessoas em situação de rua. Já que o contato com elas se tornou muitas vezes algo cotidiano, se faz necessário que coloquemos essas pessoas em uma condição de invisibilidade como relata Mattos e Ferreira (2004) “[...] enfim, é comum negligenciarmos involuntariamente o contato com elas. Habitados com suas presenças, parece que estamos dessensibilizados em relação à sua condição (sub) humana.” (p. 48).

Toda a análise que até então está sendo feita nos possibilita levantar questionamentos acerca da forma como se sentem as pessoas que se encontram em situação de rua diante dessa invisibilidade imposta pela sociedade que retira deles a humanidade, sendo então negados direitos humanos básicos. Percebemos que os estudantes que se dispuseram a participar da pesquisa, por experiências pessoais ou acadêmicas, já haviam transposto essa condição de invisibilidade. Fato este que corrobora o que foi dito previamente que quando tais barreiras se mantêm até mesmo a aproximação com o tema não parece relevante. É possível evidenciar essa relação das experiências pregressas com a abertura para o movimento empático na seguinte fala da Participante 5:

Eu morava perto desse rio e a minha casa era a maior casa que tinha perto desse rio e assim eu morei lá desde criança então eu via a situação daquelas pessoas e eu não conformava as pessoas por exemplo a minha família por eu sempre estudar em escola particular me levar em casa tratar aquelas pessoas de uma forma tão absurda e era comum pra mim aquelas pessoas ali então eu tive um contato maior com elas de trocar uma ideia e tal (...)

O que se percebe é que o movimento grupal reforça que para que seja superada a barreira da invisibilidade é necessário provocar sensibilizações teóricas ou experienciais, para que então seja aceitável visualizar relações mais próximas e mais produtivas junto as pessoas em situação de rua. É cotidiano ouvir relatos de que a maior parte dos que residem nas ruas não aceitam ajudas, todavia, se faz necessário questionar a ajuda que está sendo proposta, uma vez que diante de todo o distanciamento, parece difícil a produção de propostas que façam sentido a esses sujeitos.

Afinal de contas, se raramente você é o destinatário de qualquer atenção positiva ou é completamente ignorado, criar e se isolar numa realidade privada que lhe dá percepções privilegiadas e status especial pode ser mais adaptativo do que parece à primeira vista. (Snow & Anderson, 1998, p. 340).

2 O ensino (da) na prática ou a prática no ensino

Outra questão evidenciada no movimento do grupo é que o curso de psicologia por si só parece não provocar grandes transformações no imaginário coletivo dos estudantes sobre as pessoas em situação de rua, inclusive os estudantes denunciam que a temática é pouco abordada durante a graduação. O que podemos verificar no seguinte fragmento:

Facilitadora: Mas vocês acham que a gente tem hoje assim na nossa grade curricular, contempla essa perspectiva assim das pessoas em situação de rua em vulnerabilidades sociais? A gente tem uma formação adequada para fazer um trabalho por exemplo.

Participante2: Não, não específica.

Facilitadora: Se não for pro estágio não tem nada?

Participante 5: Se a gente por acaso não tivesse caído ali na casa de promoção humana, eu acredito que de certa forma passa batido durante a formação mesmo.

Participante2: As vezes acho que isso é mais aquilo de ver e falar que dó tadinho né?

Facilitadora: E o conhecimento mesmo? Da psicologia mesmo assim das matérias isso não interfere em nada. As matérias no geral da psicologia. Se tornar um psicólogo por si só não interfere em nada no jeito que enxerga as pessoas em situação de rua?

Participante 5: A gente estudou algumas questões mas achei pouco, o que me engrandeceu mesmo foi o estágio.

A deflagração dessa insuficiência das teorias estudadas para o trabalho com as pessoas em situação de rua destoa do esperado, uma vez que a Resolução Nº 1, de 30 de maio de 2012, do Conselho Nacional de Educação, assegura que todos os cursos deverão conter em suas grades curriculares, em disciplinas específicas ou transversalizando todas as disciplinas a abordagem da garantia dos direitos humanos. Entendemos que a população em situação de rua compõe o público em maior vulnerabilidade no que tange a garantia de direitos humanos, diante disso, atender a resolução deveria estar associado a maior abordagem da assistência a ser prestada a essa clientela.

Bock (1997) realiza uma crítica acerca da formação em psicologia, entre diversos aspectos, a autora ressalta que o curso tem se tornado extremamente técnico e muitas vezes centrada apenas no indivíduo:

É vista como uma prática técnica, isto é, uma prática que contém um saber (métodos, técnicas e teorias) que auxilia o desenvolvimento do homem. Auxilia a retomada de um "caminho desviado", auxiliam a redução do sofrimento, o autoconhecimento necessário para o equilíbrio e a adaptação ao meio social. O trabalho busca

esclarecer, permitir a compreensão, favorecer a escuta, conhecimento de aspectos desconhecidos, explicitar aspectos do indivíduo que ele desconhece etc. Não se coloca uma finalidade social ou política para essa prática. As finalidades estão ligadas apenas ao indivíduo e a um movimento que lhe é próprio, natural, que deve ser conservado ou reconduzido. (p. 40)

Diante de tudo que está sendo exposto no presente trabalho, fica evidente que a possibilidade da atuação psicológica junto às pessoas em situação de rua é condicionada a capacidade desse profissional refletir e questionar as perspectivas já cristalizadas socialmente frente ao tema. Quando Bock (1997), ressalta a questão de ensino tecnicista e não implicado nas condições sociais e políticas, evidenciamos uma formação descontinuada com as necessidades impostas na prática profissional.

A importância de proporcionar ambientes de reflexão sobre o tema do presente estudo também é corroborada quando observamos o movimento do próprio grupo, os participantes, durante toda a duração do encontro, mostraram-se em postura reflexiva, auto questionadora e suscetíveis a movimentos empáticos com relação à proposta, acreditamos que caso houvessem mais espaços como o que a pesquisa proporcionou, haveria maior preparo dos estudantes no enfrentamento dos desafios profissionais após a conclusão do curso.

Na perspectiva do grupo, apenas o estágio possibilitou a transformação e ampliação das visões no que se refere as pessoas em situação de rua, a interferência da atividade prática específica com essa população mostrou-se tamanha que o único participante que relata não ter vivenciado a prática, apesar de estar no último ano de graduação refere que não houve transformação alguma em sua opinião ou afetação sobre o tema:

“Facilitadora: Interfere no jeito que você enxerga as pessoas em situação de rua?”

Participante 3: Acho que não

Participante 3: Sim e não.

Facilitadora: O que é sim e não? Você vai ter que explicar.

Participante 3: No meu caso que eu falo, é a mesma visão, não muda entendeu? Nem pra bem e nem pra mal.

Participante 5: Qual a sua visão?

Participante 3: São pessoas em situação de rua que tiveram problemas e estão aí, não tem mais entendeu? Então temos que entender isso.

Facilitadora: Independente da psicologia e de qualquer coisa é isso e não mudou pra você então. (...)”

Segundo os participantes da pesquisa os mesmos não foram durante o curso estimulados ou avaliados a partir de matérias diretamente ligada a essa temática, é um tema pouco alcançado em sala de aula , assim sendo pôde se concluir durante o encontro que a possibilidade de expansão dos conhecimentos dessa área fica restrito aos alunos que de alguma forma, alheia à formação curricular, despertam o desejo para fazer os estágios neste campo, sendo que esta é uma área considerada de pouco interesse, segundo os participantes, esse desinteresse é sustentado tanto na falta de conhecimento no assunto quanto na desconfiança, indiferença e até mesmo medo dos alunos em lidarem com esse público.

Assim sendo também observamos no campo da formação do profissional de psicologia outro ciclo vicioso que corrobora a cristalização da exclusão, tanto do tema, quanto das pessoas que estão em situação de rua. Há pouco incentivo acadêmico na produção de conhecimentos e teorias acerca da temática, poucos profissionais despertam o desejo de estudar e aprimorar as teorias e assistências voltada a esta população e profissionais que precisam trabalhar junto a esta clientela apresentam-se despreparados para fazê-lo, produzindo assim, ações descontinuadas com as reais demandas do público em questão.

Essa situação traz um alerta acerca das formações de profissionais de psicologia que atuarão diretamente com essa área, olhando para esse âmbito a deficiência na grade curricular demonstra um abismo que separa a graduação com as demandas reais. Para o enfrentamento desta problemática, Mattos e Tucci (2003) no estudo intitulado “a situação na rua por ela mesma”, sugere a presença física e concreta das pessoas em situação de rua no contexto de encontros universitários, com o intuito de que essas pessoas possam falar de si por si, combatendo mitos e preconceitos para que sejam formados profissionais mais envolvidos nas causas sociais. A proposta dos autores vai ao encontro do que o grupo destaca que a experiência tem potencial transformador, o que fica evidente no seguinte fragmento de fala da Participante 5: *“(..)as pessoas transformaram o meu olhar mais do que a psicologia, elas mesmo. ”*

2 (Des) assistência social

Neste último eixo de análise vamos abordar uma questão muito presente na narrativa do grupo, a saber, de como seria, ou deveria ser, a atuação dos

profissionais que se propõe a ofertar algum tipo de assistência às pessoas que estão em situação de rua. É necessário destacar que não se espera que a assistência a esta clientela ocorra apenas no sentido de encontrar formas para retirar as pessoas das ruas, mas sim, como propõe Macerata, Soares e Ramos (2014), o trabalho deve ser sustentado pelo conceito de territórios existenciais, no qual a intervenção relaciona-se com acompanhar processos, de forma que o interventor não se dissocia do objeto alvo da intervenção, este nem sequer existe, ao contrário disso, propõe-se a composição da cena e produção a partir dela, considerando que estes territórios são passíveis de transformações. Nas palavras dos autores:

Uma segunda contribuição que a ideia de território existencial nos traz é a de que o interventor não pode mais se constituir como um observador que pressupõe estar externo à realidade observada, uma posição exterior que descreveria as condutas no território. Esta pressuporia a separação entre aquele que intervém e o campo intervisto. O apoio nesse sentido seria menos a ação sobre um estado de coisas e mais um acompanhar e se engajar em processos, mapear, cartografar, habitar, contaminar-se de um território existencial ao mesmo tempo que intervém. Não se trata de dominar nada, colocar-se de modo hierárquico sobre o território intervisto, seja na clínica, seja no apoio a uma equipe. (Macerata, Soares & Ramos, 2014, p. 923)

Todavia, os participantes, aparentemente, ainda compreendem as intervenções centradas no sujeito, a discussão orbitou muito em torno de possíveis causas que levam o sujeito a estar em uma vivência de rua, movimento este que se relaciona com o desejo de conhecer as causas para que problema seja combatido. Observamos um modelo apoiado em teorias clássicas da psicologia e até mesmo biomédicas, no sentido da busca da relação sintomatologia *versus* cura. Parte-se do pressuposto que há um problema e por isso o indivíduo está na rua, o que de antemão, constrói barreiras para a aproximação com os territórios existenciais possíveis, dificulta o movimento processual e transformador, cristalizando o sujeito no campo do desviante.

Foi discutido no grupo questões relacionadas a liberdade de escolha das pessoas em preferirem estar nas ruas, como opção de vida levando os participantes a discutirem acerca das atitudes a serem tomadas pelos profissionais atuantes nessa área quando ocorre essa situação. Os participantes na sua maioria relatam compreender as escolhas e perceberem as pessoas em situação de rua como

autoras da sua própria vida, afirmando e relatando exemplos de pessoas que optaram pelas ruas como estilo de vida.

Participante 5: (Quando falou sobre pessoas que moram nas ruas por escolha) Se ele não quer né? Não era uma pessoa em situação de rua mas uma vez eu conheci um andarilho, ele largou tudo tinha carro, emprego e era formado, e ele queria sair de cidade em cidade. Ele só tinha uma barraca e quando ela tipo conversava com alguém que oferecesse um quarto ele não queria, então a humildade de sempre dormir no chão e não se acostumar com as coisas boas assim tipo de conforto porque não é importante pra ele, a forma que ele julga felicidade pra ele é diferente da gente então a felicidade dele.

Facilitadora: A forma dele é diferente de viver a vida? Cada um tem uma opção.

Participante 5: A gente tem que respeitar.

Em contrapartida foram expressas, por outros participantes, opiniões opostas, como por exemplo a de que as pessoas nessa situação geralmente se encontram nas ruas devido ao vício de álcool ou outras drogas, tanto quando o vício é desenvolvido para o enfrentamento da situação de vulnerabilidade e adversidades nas quais se encontram, quanto o oposto, ou seja, quando o uso compulsivo de substância leva a vivência de rua.

Participante 2: Muitas pessoas que vão pra rua, mexem com álcool né? Drogas, família está sem paciência com ele, e começa aquele conflito né? E acaba não achando saída.

Facilitadora: Então você acha que é falta de opção na verdade? A pessoa é meio que levada pra rua.

*Participante 2: É acho que é,. Ela é levada pela situação, a situação leva ela.
(...)*

Participante 2: Pra pessoa encarar aquela vida ali tem que ter algo pra sustentar, sem algo na cabeça uma bebida, uma droga fica difícil gente suportar. Creio que a maioria usa por tudo que eu li sabe? A maioria são usuários.

Ainda com relação as possibilidades de assistência a ser prestada as pessoas em situação de rua, ainda percebemos uma forte marca de culpabilização do sujeito, evidenciamos que a condição de escolha dessas pessoas, na maior parte das falas, é apontada desconectadas da estruturação social e de todas as contingências que atravessam a condição de estar nas ruas. A visão aparentemente apoia-se na concepção de subjetividade e de homem, cindida de sua totalidade que é o meio social, tal concepção é criticada por Bock (1997):

A Psicologia deve buscar compreender o indivíduo a partir da inserção desse homem na sociedade. O indivíduo só pode ser realmente compreendido em sua

singularidade, quando inserido na totalidade social e histórica que o determina e dá sentido a sua singularidade. A Psicologia não tem trabalhado assim. Tem descolado o homem dessa totalidade que o determina, estudando-o de forma isolada. Com esse procedimento, a Psicologia tem naturalizado o homem e o psiquismo acaba sendo tomado como algo já existente no homem, que se realiza, desabrocha, atualiza-se; o psiquismo é tomado como um a priori no homem. A realidade social aparece apenas como "canteiro", onde a semente de homem, com sua natureza psíquica, pode se desenvolver. As condições materiais de vida não são tomadas, pela Psicologia, como constitutivas do psiquismo. (p. 40)

Pode-se perceber a presença do que está sendo problematizado nas seguintes falas:

No inicio eu fiquei achando ela muito paia, a pessoas esta com fome e não vou dar comida pra ela mas quando ela explicou o porque eu pensei realmente ela esta certa porque não basta suprir uma necessidade do momento porque ela vai voltar a sentir fome de novo pode que eu não esteja e outra pessoa não esteja pra ajudar, a gente tem que ajudar na autonomia dela que ela procura, um norte igual hoje eu acho correto. (Participante 1)

Ah isso é muito difícil né? Porque ele quer uma ajuda de momento e quer ajuda mesmo de verdade conseguir um emprego, dar uma casa. Igual aquele senhor que eu te falei, eu levantava too dia seis horas da manhã e ele trabalhava de pedreiro foi juntando o dinheirinho dele e o final da semana ele foi la e comprou um carrinho de mão e comprou a enxada dele, comprou a pá, as coisinhas dele tudo de pedreiro e ele pediu me deixa entrar aqui, ai no primeiro salário dele ele alugou uma casa na primeira oportunidade. Tem gente que quer mas tem gente que não, tem um menino lá que ele vai na casa lava a roupa dele, vai pra rua bebe volta depois uns 3 4 dias, uma semana está lá de novo, não quer e não adianta ele quer pedir esmola ele não quer se ajudado no caso. Ai vai para as drogas porque a droga é cômoda pra ele, ele vai com um véu tampando aquilo ali pra ele é uma desculpa, uma desculpa dele continuar. (Participante 3)

Igual a A. estava falando isso ai, quando a assistente social fala pra não dar esmola pra que a pessoa sofra mesmo, igual um da um pouco e outro e ele vai pedir de novo, então vai reforçar. Então é não dar pra doer na pessoa, doer a ponto de fazer ela se acertar. (Participante 1)

Sair da zona de conforto dela pra parar de pedir esmola e buscar outra solução, buscar um outro caminho. (Participante 2)

Esse imaginário, aparentemente divide as pessoas em situação de rua em dois grupos: aqueles que querem e, portanto, merecem ajuda e aqueles que não querem e, portanto, não devem ser ajudados até que se angustiem a ponto de começarem a querer a ajuda. Uma lógica de cuidados perversa, quando refletimos sobre o abismo existente entre as pessoas 'alvo' dessa assistência e aquelas que planejam e ofertam a assistência. Diante de tamanho distanciamento a possibilidade de ofertas coerentes com os anseios desta população são quase nulas, sendo

assim, o fenômeno 'aceitar a ajuda' pode estar relacionado a se enquadrar no desejo do outro para subexistir.

Apesar das várias políticas governamentais já desenvolvidas no sentido de oferecer uma assistência a pessoas em situação de rua ainda se percebe uma precariedade envolvendo essa questão já que os programas assistenciais não parecem alcançar essa população de forma direta:

O acesso da população moradora de rua nos serviços de saúde é uma questão crítica e que precisa ser pensada e articulada intersetorialmente, com diversas instâncias públicas como a Assistência Social, a Habitação e a Segurança Pública. Os CAPS ad como serviços de saúde mental, em geral se limitam a intervenções dentro da instituição e na grande maioria das vezes de forma coletiva e pedagógica esquecendo-se de olhar para singularidade de cada caso. Esse cuidado deve ser ampliado no caso do morador de rua, que precisa ser visto, como um sujeito em reconstrução em todos os aspectos: ético, político e social o que requer uma intervenção ampla e multisetorial. (Mendes & Hoor, 2014,p.96)

O desafio que as políticas públicas e assistenciais enfrentam com clientelas tão complexas quanto as pessoas em situação de rua, reside na necessidade de garantir o acesso universal, mas ao mesmo tempo pensar nas idiosincrasias de cada sujeito. Cada indivíduo por si só vai exigir um trabalho diferente dos profissionais e dispositivos atuantes nessa área, como cita Carneiro e Silveira (2003) “[...] compreender e dar respostas aos problemas de saúde dos vários grupos populacionais inseridos desigualmente na estrutura social (...) buscando entendimento para que se possa formular novos modos de organização das práticas que resultem em eficácia social. ” (p.1832)

Não é possível apresentar a demandas de tamanha complexidade respostas simplistas, o movimento grupal em determinado momento se aproximou desta tentativa, construindo respostas associadas a falácia da meritocracia, a igualdade de oportunidades e a necessidade do desejo de cada indivíduo. A facilitadora então lança o seguinte questionamento: “Se todos que estão na rua hoje decidissem sair da zona de conforto e procurar uma oportunidade, todas elas teriam? ”, a pergunta gerou no ambiente um clima reflexivo e introspectivo, no qual todos os participantes afirmaram que não haveria oportunidades para todos. Optamos por encerrar o encontro com esta reflexão, evidenciando que não há um caminho assistencial preestabelecido e que este não é o objetivo do presente estudo.

Ao pensarmos a relação entre políticas públicas praticadas no âmbito do Estado e o território existencial da rua, vemos que as lógicas hegemônicas e mais instituídas da cidade conseguem manter poucos pontos de comunicação com a rua. Vemos modos de intervenção que, na sua grande maioria, tentam lidar com a rua de duas formas: a primeira é a de simples inclusão das pessoas em situação de rua, com o objetivo de moldar e adaptar seus modos de vida aos modos considerados normais, ou “saudáveis”. O outro é de uma relação de isolamento ou extermínio. Atualmente, vemos aumentar assustadoramente o número de práticas muito antigas de higienização da cidade. De qualquer forma, todos esses modos de intervenção estabelecem uma forma de relação: a de pouca ou nenhuma troca, um modo de relação onde se pressupõe a eliminação do outro diferente. Um modo de relação que busca se aproximar o menos possível do que na rua existe e insiste. As intervenções geralmente visam controlar e normalizar o sujeito que vive na rua, para com ele evitar o contágio. Nossa experiência de trabalho com a rua no âmbito das políticas públicas de saúde e assistência social aponta para outro sentido: para cuidar da pessoa em situação de rua é preciso se aproximar, contaminar-se de seu território e seus modos de vida, primeiramente habitar esse território existencial (Macerata, Soares & Ramos, 2014, p. 924).

CONCLUSÃO

É possível concluir que o encontro ofereceu aos participantes um espaço de trocas e escuta empática, o que parece ter beneficiado na formação de um ambiente de confiança no qual foi possível suscitar ideias, crenças, receios e aspirações o que gerou nos participantes uma certa angústia por se sentirem perdidos em meio a essas questões, compreendendo que a angústia pode vir a ser motor para novas reflexões se espera que além do seu objetivo principal o encontro tenha suscitado novos pensamentos e ações diante do tema já que os participantes após a graduação serão atuantes como profissionais da psicologia havendo assim posteriormente possibilidades de realização de trabalhos junto a essa parcela da população.

Conforme foi possível evidenciar no desenvolvimento do presente artigo, o estudo realizado atingiu o objetivo de ofertar maior compreensão acerca do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre as pessoas em situação de rua, bem como os atravessamentos presentes na construção de tal imaginário. É preciso ressaltar que a opção metodológica utilizada proporcionou o levantamento de diversos eixos de análise sendo que a partir da leitura interpretativa fez-se necessário um recorte perante a grande quantidade de elementos construídos.

No transcorrer do encontro foi possível experimentar as mais diversas sensações provenientes das posturas, comentários e visões expressas no grupo, dentre estes vale salientar a tranquilidade por perceber determinadas visões dos estudantes que se posicionaram muitas vezes de forma acolhedora e empática em

relação as pessoas em situação de rua, em determinados momentos especialmente nos momentos finais do encontro foi possível perceber uma busca dos participantes por respostas acerca das escolhas que levam muitas das pessoas a estarem em situação de rua, além de indagações referentes ao tipo de cuidado oferecido pelos órgãos assistenciais e o governo de um modo geral.

O encontro possibilitou a mim, primeira autora do presente artigo, como estudante de psicologia o surgimento de novas conclusões e a reafirmação de conclusões já adquiridas, a partir de estudo e experiências obtidas nesse campo. Desde a escolha do tema e do método para a realização da pesquisa já imaginava as dificuldades que seriam enfrentadas. O tema é pouco estudado na faculdade de um modo geral tanto nas salas de aula quanto nas conversas e discussões entre os próprios alunos que geralmente se interessam por temáticas mais 'comuns' ao curso de psicologia.

No que se refere a contribuição da psicologia para a assistência as pessoas em situação de rua se percebe que há uma forte implicação pessoal, somada a condição profissional. Tal característica não é um problema, porém percebemos que ocorre uma confusão no momento de assimilação do que é o trabalho assistencial e o que é uma ajuda humanizada, colocando as pessoas em situação de rua em três posições distintas que oscilam de acordo com o local de onde o olhar é voltado, essas três posições são: 'Pessoas que precisam de assistência e tem direito a ela como cidadãos', 'Pessoas que precisam de uma escuta e um lugar na sociedade e não um lugar para morar' e 'Falta de recursos tanto de um lado assistencial quanto de um lado humanitário'. Evidenciamos então que se fala muito em ajuda, em socialização e em assistência, entretanto, quando se trata de ações elas são escassas e dependendo da região nem existem o que abre um leque de possibilidades e questionamentos que não existiriam caso houvesse uma escuta e olhares voltados para essa parcela da população. O estudo deixa claro a necessidade de maior sensibilização, desde a formação, dos profissionais que deverão atuar nessa área.

Não se considera tarefa fácil para o governo e órgãos assistenciais pelo contrário, é um desafio, entretanto a partir do momento que há essa busca e as pessoas em situação de rua são convidadas a receber essa 'ajuda' oferecida é preciso que haja recursos que alcance essas pessoas afinal elas também possuem seus desejos e anseios que devem ser respeitados e levados em consideração, são

vidas, sentimentos que pulsão, sonhos que existem ali dentro, merecem respeito, lugar, escuta e merecem olhar nos olhos de qualquer um com a cabeça erguida e seus direitos assegurados.

Por fim é preciso destacar que o presente estudo não pretende encerrar a temática, nem tampouco se apresenta como possível resposta para questões tão complexas, mas sim objetivamos que este possa também ser um disparador para outros estudos e que motive a construção de novos olhares e perspectivas sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrósio, F. F. (2006). *Imaginários coletivos como mundos transicionais*. Cadernos ser e fazer. São Paulo: IPUSP.
- Bock, A. M. B. (1997). Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(2), 37-42
- Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2011). *Orientações sobre o centro de referência especializado para população em situação de rua e serviço especializado para pessoas em situação de rua*. Brasília: MDS.
- Carneiro Junior, N., & Silveira, C. (2003). Organização das práticas de atenção primária em saúde no contexto dos processos de exclusão/inclusão social. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(6), 1827-1835.
- Conselho Regional de Psicologia (2015). *A psicologia e a população em situação de rua: novas propostas, velhos desafios*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia.
- Freud, S. (1976). *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (p. 33). Rio de Janeiro: Imago.
- Mattos, R. M., & Ferreira, R. F. (2004). Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, 16(2), 47-58.
- Mattos, R. M., & Tucci, C. (2003). A situação de rua por ela mesma: relatos de sobreviventes. *Seminário, Semana de Psicologia da Universidade São Marcos*, São Paulo: Mimeo.
- Macerata, I., Soares, N, J. G., & Ramos, J. F. C. (2014). Apoio como cuidado de territórios existenciais: atenção básica e a rua. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(Suppl. 1), 919-930.
- Macerata, I. (2010). “...como bruxos maneando ferozes”: relações de cuidado e de controle no fio da navalha. *Experiência “psi” em dispositivo da política de assistência social para crianças e a adolescentes em situação de rua*. (1a ed.). Rio de Janeiro: Gramma.
- Mendes, C. R. P., & Horr, J. F. (2014). Vivência nas ruas, dependência de drogas e projeto de vida: um relato de experiência no CAPS-ad. *Revista Psicologia e Saúde*, 6(1), 90-97
- Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3), 237-248.

- Montezi, A. V., Zia, K. P., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305.
- Snow, D. & Anderson, L. (1998). *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua*. (p. 340) Petrópolis: Vozes.
- Souza, C. A., & Fortini, P. F. (2009) *Vozes da rua: um relato de experiências com moradores de rua*. Poços de Caldas: BVS, Psi ULAPSI Brasil.
- Varanda, W., & Adorno, R. C. F. (2004). Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, 13(1), 56-69

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome completo: Katia de Souza Teixeira

Endereço: Rua José de Santana 135 ap202, Bairro: Centro

CEP: 38703-030, Patos de Minas-MG

Telefone de contato: 034 996941425

Email: Katia-162011@hotmail.com

Autora Orientadora:

Nome completo Aline Fernandes Alves

Endereço Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, Bairro Cidade Nova, 1200,
Bloco 3B – Patos de Minas – CEP: 38706-002, Patos de Minas, MG.

Telefone de contato: 034 3818-2300

Email: alineferalves@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 09 de dezembro de 2017

Kátia de Souza Teixeira

Aline Fernandes Alves

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O imaginário coletivo de estudantes de psicologia acerca das pessoas em situação de rua

Pesquisador: Aline Fernandes Alves

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 62489316.3.0000.8078

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.868.964

Apresentação do Projeto:

Título

O imaginário coletivo de estudantes de psicologia acerca das pessoas em situação de rua.

Resumo

Este projeto tem como objetivo compreender o imaginário coletivo de estudantes de graduação em psicologia da Faculdade Patos de Minas – FPM, acerca das pessoas em situação de rua. A coleta de dados será realizada a partir de um grupo psicanalítico de discussão, haverá divulgação da pesquisa para todos os alunos do curso de psicologia da referida faculdade, todavia serão selecionados para participar apenas os oito primeiros inscritos. Os grupos psicanalíticos de discussão serão conduzidos de acordo com os procedimentos descritos na literatura especializada. Os dados produzidos nos encontros serão registrados através de gravação em áudio e anotações realizadas por um auxiliar de pesquisa a ser selecionado. Optou-se pela metodologia qualitativa e a análise do material produzido será realizada com base na teoria psicanalítica.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos

O objetivo primário deste estudo é compreender o imaginário coletivo dos estudantes de

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br



Continuação do Parecer: 1.868.964

psicologia da Faculdade Patos de Minas – MG acerca da população de rua e temas relacionados.

Os Objetivos secundários são:

Compreender o imaginário coletivo dos estudantes de psicologia da Faculdade Patos de Minas – FPM em relação:

- a vivência de rua;
- as políticas assistenciais voltadas a população em situação de rua e
- a atuação do psicólogo junto a pessoas em situação de rua.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

Os pesquisadores se comprometem a manter em sigilo absoluto a identidade dos participantes, de modo a minimizar os riscos de identificação dos mesmos. Todavia, se faz necessário considerar a existência de risco de identificação por motivos alheios aos pesquisadores.

Benefícios

Os benefícios aos participantes poderão ser tanto diretos, com o estímulo a reflexão acerca do próprio imaginário sobre as pessoas em situação de rua, quanto indiretos, proporcionando ampliação da produção científica da psicologia enquanto ciência e profissão, este conhecimento poderá subsidiar a programação de ações que tornem possíveis a efetivação das políticas públicas voltadas a esta clientela.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa transversal, descritiva de análise do discurso sobre o imaginário de alunos do curso de Psicologia em relação às pessoas em situação de rua. O método é pertinente aos objetivos, justificando os riscos que serão impostos aos participantes, deixando claro aos mesmos que em situação de constrangimento ou desconforto, eles poderão simplesmente se recusarem a responder.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto O imaginário coletivo de estudantes de psicologia acerca das pessoas em situação de rua está devidamente instruído e todos os documentos obrigatórios foram apresentados.

Recomendações:

Não se Aplica. Incluir o acolhimento aos alunos que sentirem necessidade por assistência psicológica profissional.

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br



FACULDADE PATOS DE
MINAS/MG



Continuação do Parecer: 1.868.964

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se Aplica.

Considerações Finais a critério do CEP:

Data para entrega de Relatório Final ao CEP/FPM: 31/08/2017.

OBS.: O CEP/FPM LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

O CEP/FPM lembra que:

- a- segundo a Resolução 466/12, o pesquisador Aline Fernandes Alves deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo Participante da pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/FPM dá-se em decorrência do atendimento a Resolução CNS 466/12, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Orientações ao pesquisador :

- O Participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 466/12), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante da pesquisa ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br

Página 03 de 05



Continuação do Parecer: 1.868.964

e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e).

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_833463.pdf	28/11/2016 23:35:37		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Brochura.pdf	28/11/2016 23:35:03	Aline Fernandes Alves	Aceito
Outros	termo_de_compromisso_CEP.pdf	28/11/2016 23:34:03	Aline Fernandes Alves	Aceito
Outros	carta_de_encaminhamento_de_apreciacao_de_projeto.pdf	28/11/2016 23:32:28	Aline Fernandes Alves	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisadores.pdf	28/11/2016 23:31:37	Aline Fernandes Alves	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_instituicao.pdf	28/11/2016 23:31:10	Aline Fernandes Alves	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	28/11/2016 23:30:47	Aline Fernandes Alves	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	28/11/2016 23:30:12	Aline Fernandes Alves	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	28/11/2016 23:27:09	Aline Fernandes Alves	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculadepatosdeminas.edu.br



FACULDADE PATOS DE
MINAS/MG



Continuação do Parecer: 1.868.964

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PATOS DE MINAS, 15 de Dezembro de 2016

Assinado por:
HUGO CHRISTIANO SOARES MELO
(Coordenador)

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br

Página 05 de 05



www.faculdadepatosdeminas.edu.br

Campus JK
Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira
Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas – MG
CEP: 38706-002
Patos de Minas, MG
T 55 34 3818-2300



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Resolução CNS N.º. 466/2012)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **"O imaginário coletivo de estudantes de psicologia acerca das pessoas em situação de rua"**, coordenada pela pesquisadora responsável **Professora Mestre Aline Fernandes Alves** e conduzida por **Katia de Souza Teixeira** aluna/pesquisadora do Curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas - FPM. Essa pesquisa se justifica o estudo se justifica por fornecer dados sistematizados sobre o imaginário coletivo de alunos de psicologia sobre pessoas em situação de rua, que poderão subsidiar tanto avaliações sobre as políticas públicas existentes para este público, quanto avaliações sobre a forma que a temática é abordada nos cursos de psicologia.

1. Os objetivos com os quais essa pesquisa estará sendo realizada serão conhecer e discorrer acerca do imaginário coletivo de estudantes do curso de psicologia acerca das pessoas em situação de rua e temas relacionados, tais como: a vivência de rua; as políticas assistenciais voltadas a pessoas em situação de rua e a atuação do psicólogo junto a população em situação de rua
2. Para tanto, será realizado um encontro, em grupo, com todos os participantes da pesquisa, no qual será aplicado o instrumento Desenho-Estória com tema, seguido de debate sobre a temática do estudo.
3. O procedimento de coleta de dados constará de gravação e posterior transcrição, para análise, de todo o encontro. Também haverá a presença de um observador participante, que fará anotações que irão compor o material a ser analisado.
4. Os benefícios esperados diante de sua participação neste estudo serão tanto diretos, visto que será oportunizada a reflexão e debates pertinentes a atuação de um psicólogo, quanto indiretos, no sentido de produção científica que poderá contribuir para políticas públicas mais pertinentes, bem como ementas curriculares mais apropriadas as necessidades de atuação para com a população em situação de rua.
5. Sua identidade, seu nome, bem como as gravações em áudio serão mantidos em sigilo absoluto sob responsabilidade do pesquisador, estando o mesmo sujeito às penas previstas na Lei brasileira, e de posse do CEP/FPM por 5 anos.
6. Cabe a você decidir se deseja ou não participar dessa pesquisa. Se decidir participar deverá assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estando ciente de que terá o direito de interromper o estudo e/ou retirar seu consentimento a qualquer momento durante o desenvolvimento da pesquisa sem que isso afete seus direitos aos cuidados futuros, implique responsabilização ou cancelamento dos serviços oferecidos pela instituição Faculdade Patos de Minas – FPM. Sua participação é livre e não implica quaisquer tipos de recebimento de remuneração ou pagamento.
7. Em relação a qualquer dano direta ou indiretamente causado por esta pesquisa, o(s) Pesquisador(es) do Estudo e seus assistentes e a Instituição serão responsáveis, perante a lei brasileira, pela indenização de eventuais danos que o participante de pesquisa possa vir a sofrer, bem como por prestar assistência imediata e integral, nos termos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde;
8. Os seus dados pessoais e as informações obtidas neste estudo, pelo pesquisador e sua equipe, serão garantidos pelo sigilo e confidencialidade. Os seus dados do estudo serão codificados de tal modo que sua identidade não seja revelada;
9. Você terá o direito de dirigir-se, a qualquer momento, a pesquisadora responsável e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Patos de Minas - FPM, para os esclarecimentos sobre dúvidas que surgirem durante a pesquisa, tendo, portanto, o direito à informação. Nesse caso, entre em contato:

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do Representante



www.faculdadepatosdeminas.edu.br

Campus JK
Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira
Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas – MG
CEP: 38706-002
Patos de Minas, MG
T 55 34 3818-2300



- Nome do Pesquisador: ALINE FERNANDES ALVES
Telefone: (034) 3818-2300
Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas – MG, CEP: 38706-002, Patos de Minas, MG. Telefone: (34) 3818-2300
- Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Patos de Minas
Ito Endereço: Campus JK, Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas – MG, CEP: 38706-002, Patos de Minas, MG. Telefone: (34) 3818-2300
E-mail: cep@faculdadepatosdeminas.edu.br
Horário de funcionamento: seg, qua, sex: 7h às 12h / terça e quinta: 13h às 17h.
Horário de funcionamento: seg, qua, sex: 7h às 12h / terça e quinta: 13h às 17h.

10. DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO:

- Eu recebi informação oral sobre o estudo acima e li por escrito este documento.
- Eu tive a oportunidade de discutir o estudo, fazer perguntas e receber esclarecimentos.
- Eu concordo em participar do estudo e estou ciente que minha participação é totalmente voluntária.
- Eu entendo que posso retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso afete meu direito aos cuidados futuros.
- Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado e rubricado em duas vias originais por mim e pelo Pesquisador.
- Assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Pesquisador do Estudo garantirá ao Participante da Pesquisa, em seu próprio nome e em nome da instituição, os direitos descritos neste documento.
- Eu entendo que receberei uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A outra via original será mantida sob a responsabilidade do Pesquisador do Estudo.

Para ser assinado e datado pelo Participante da Pesquisa:

Assinatura do Participante da Pesquisa

Data da Assinatura

Nome do Participante da Pesquisa por extenso (LETRAS MAIÚSCULAS)

Para ser assinado e datado pelo Pesquisador do Estudo:

Assinatura do Pesquisador do Estudo

Data da Assinatura

Aline Fernandes Alves

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do Representante



www.faculdadepatosdeminas.edu.br

Campus JK
Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira
Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3B
Patos de Minas – MG
CEP: 38706-002
Patos de Minas, MG
T 55 34 3818-2300



Comitê de Ética
e Pesquisa com Seres Humanos

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências contidas no Capítulo IV da Resolução 466/12 e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa acima qualificado para a realização desta pesquisa.

Local: _____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Aline Fernandes Alves

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do Representante



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Curso de Graduação em Psicologia

Bacharelado (Formação de Psicólogo)

Portaria de Reconhecimento MEC – DOU N°. 371 de 30 de Agosto de 2011.

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)